

A NOVA VOZ DO POLICIAL NÓRDICO
2 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

INCLUI
CONTO INÉDITO

RAGNAR JÓNASSON

A NÉVOA

«Será este
o melhor
escritor atual
de policiais
do mundo?»
THE TIMES

TOP
SEL
LER

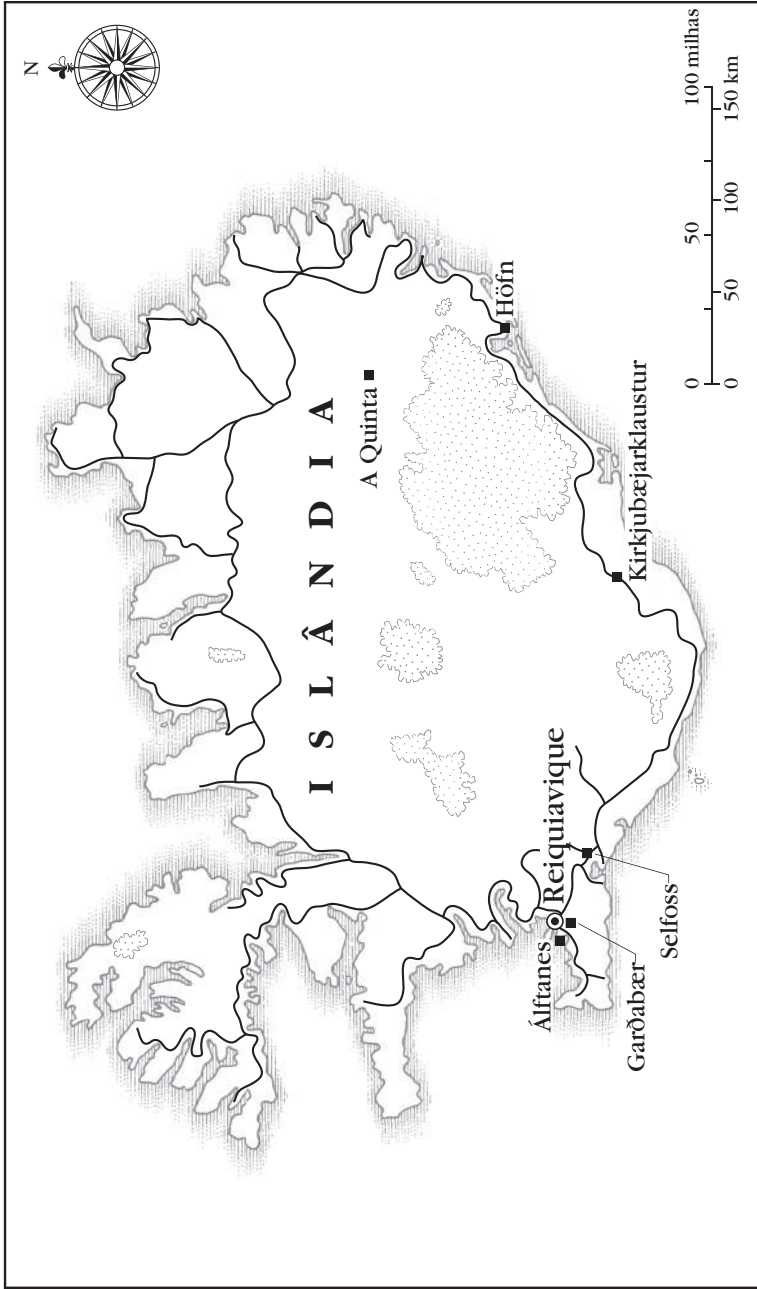
«Espantoso.»
The Sunday Times

«Uma obra excepcional.»
Publishers Weekly

Para a Kira e a Natália

«Os dias sucederam-se devagar,
mas os anos passaram a correr,
e, ainda assim, continuei a falar contigo no vazio.»

Ólafur Jóhann Ólafsson, em *O Almanaque* (2015)



Prólogo

Fevereiro, 1988

Hulda Hermannsdóttir abriu os olhos.

A sensação de letargia que a oprimia era tão intensa e constante que se assemelhava à de ter sido drogada. Podia ter continuado a dormir, ali mesmo, naquela cadeira dura. Era uma coisa boa, que o cargo de inspetora lhe permitisse dispor daquele gabinete privado. Isso significava que ela podia fechar a porta ao mundo exterior e esperar que as horas passassem, com o olhar preso no vazio ou deixando as pálpebras fechar. Entretanto, os papéis iam-se amontoando na secretária à sua frente. Desde que regressara da baixa, há duas semanas, ela não tinha pegado num único processo.

Aquela negligência não passara inteiramente despercebida ao seu chefe, Snorri, embora, verdade fosse dita, ele tratasse Hulda de modo compreensivo e paciente. O facto é que Hulda precisava simplesmente de ir trabalhar; não suportava passar mais um minuto fechada dentro de casa com Jón. Nem a impressionante beleza natural que rodeava a casa do casal em Álftanes conseguia exercer a sua magia naqueles dias. Hulda estava surda ao marulhar das ondas, e cega às estrelas e auroras boreais que resplandeciam no céu. Ela e Jón mal comunicavam, e Hulda tinha deixado

de encetar qualquer conversa com o marido, embora continuasse a responder-lhe se ele se lhe dirigisse.

A escuridão de fevereiro em nada ajudava. Aquele era o período do ano mais frio e cinzento, e o tempo parecia agravar-se a cada dia que passava. Como se a situação não fosse já suficientemente má, fora um mês especialmente nevoso, tendo a cidade ficado coberta por um manto sufocante e com todas as artérias obstruídas. Os carros estavam sempre a ficar atolados nas ruas, e Hulda tinha de recorrer a toda a sua perícia para transitar com o seu *Skoda* nos caminhos secundários e cheios de neve de Álftanes, para chegar à estrada principal em Kópavogur sem problemas.

Durante algum tempo, ela chegara a duvidar que alguma vez voltasse ao trabalho. Na verdade, custara-lhe acreditar que alguma vez voltasse a sair de casa, ou que viesse a encontrar forças para se arrastar para fora da cama. Mas, por fim, Hulda vira-se obrigada a enfrentar as suas duas únicas opções: ficar em casa com Jón ou permanecer no seu gabinete entre o amanhecer e o crepúsculo, mesmo sem fazer grande coisa em termos de trabalho.

Depois de optar pelo gabinete, e apesar dos seus esforços para se concentrar, passava os dias a mudar os dossiês e processos de um lugar para outro, e a tentar lê-los, ainda que não se conseguisse focar. As coisas não podiam continuar assim; a situação tinha de melhorar. É claro que Hulda jamais iria ultrapassar a culpa que sentia, e tinha consciência disso; porém, a dor havia de atenuar com o tempo. Pelo menos, restava-lhe essa esperança. No entanto, para já, a raiva que sentia por Jón, longe de se dissipar, inflamava-se e tornava-se cada vez maior. À medida que os dias passavam, Hulda sentia a raiva e o ódio a ferver dentro de si, corroendo-a. Mesmo sabendo que isso não lhe fazia bem, ela não conseguia controlar as emoções. Tinha de encontrar um escape para elas, de uma maneira ou de outra...

Quando o telefone tocou na secretária, Hulda não reagiu. Perdida num mundo escuro e privado, nem chegou a levantar os olhos

durante vários toques. Depois, finalmente, movendo-se devagar como se estivesse debaixo de água, ela estendeu a mão para o auscultador.

— Hulda.

— Viva, Hulda. Fala o Snorri.

Ela ficou logo inquieta. Não era habitual o chefe telefonar-lhe, a não ser que fosse urgente. Os contactos entre os dois costumavam limitar-se às reuniões da manhã, e, regra geral, ele não interferia muito na rotina diária das suas investigações.

— Ah, viva — retorquiu ela, após uma breve pausa.

— Pode dar um salto ao meu gabinete? Apareceu uma coisa.

— Vou já para aí.

Hulda pousou o auscultador, levantou-se e deu uma olhadela ao rosto num pequeno espelho que guardava na mala. Por muito mal que se sentisse, estava determinada a não deixar transparecer qualquer sinal de fraqueza no trabalho. É claro que nenhum dos colegas tinha a mais pequena dúvida do estado em que ela se encontrava, mas Hulda temia acima de tudo ir para casa de novo com uma licença de nojo. Manter-se ocupada era a única forma de ela conseguir aguentar-se no que restava da sua sanidade.

Snorri recebeu-a com um sorriso quando Hulda entrou no gabinete dele, que era incomensuravelmente maior do que o dela. Ao sentir as ondas de compaixão que emanavam do seu chefe, ela praguejou por entre dentes, receando que qualquer demonstração de solidariedade da parte dele enfraquecesse o autocontrolo que se esforçara tanto por conquistar.

— Como está, Hulda? — perguntou, convidando-a a sentar-se com um gesto, antes de ela ter tempo de lhe responder.

— Bem... dadas as circunstâncias.

— Como está a ser o regresso ao trabalho?

— Estou só a pôr tudo em andamento de novo. A atar pontas soltas em alguns casos do ano passado. Tudo começa a compor-se.

— Tem a certeza absoluta de que se sente em condições para isso? — inquiriu Snorri. — Não tenho qualquer problema em

dar-lhe mais algum tempo, se precisar. É claro que nós também precisamos da Hulda aqui, como sabe, mas quero ter a certeza de que se sente à altura para trabalhar em casos mais desafiantes.

— Compreendo isso.

— E sente-se?

— Sinto-me como?

— Sente-se à altura?

— Sim — mentiu ela, olhando-o fixamente nos olhos.

— Então, está bem. Nesse caso, surgiu uma coisa que eu gostava que a Hulda investigasse.

— Ah, sim?

— Um assunto desagradável. — Snorri fez uma pausa, e depois franziu o sobrolho, agitando o braço a realçar as suas palavras. — *Extremamente* desagradável, na verdade. A suspeita de um homicídio, no Leste. Precisamos de enviar alguém para lá imediatamente. Lamento muito pedir-lhe isto assim de repente, tão pouco tempo depois do seu regresso, mas não existe ninguém com a sua experiência que esteja livre neste momento.

Hulda ponderou as palavras e em como o elogio poderia ter sido mais bem traçado, mas isso não era relevante.

— Eu posso ir, sem dúvida nenhuma. Estou em perfeitas condições para o fazer — afirmou ela, completamente ciente de aquilo não corresponder à verdade, enquanto o dizia. — Em que ponto do Leste?

— Ah, numa quinta no meio do nada. É incrível como ainda há pessoas com atividades agrícolas num sítio daqueles.

— Quem é a vítima? Já foi identificada?

— A vítima? Ah, desculpe, Hulda... Eu não lhe contei a história toda. Não estamos a falar de um corpo apenas... — Snorri fez uma pausa. — Aparentemente, a descoberta tem contornos horrendos. Não está claro há quanto tempo os corpos jazem ali, mas supõe-se que seja desde o Natal...

PARTE I

Dois meses antes.

Pouco antes do Natal de 1987.

I

F^{im.} Erla pousou o livro e reclinou-se na poltrona velha e coçada, soltando um suspiro profundo.

Não fazia ideia de que horas eram. O relógio de parede da sala de estar deixara de funcionar há algum tempo; na verdade, há já vários anos. Eles não sabiam consertá-lo, e o relógio era tão pesado e difícil de transportar que nunca lhes ocorrera carregá-lo até ao velho jipe e levá-lo pela estrada longa e esburacada que os separava da povoação. Ignoravam até se o relógio caberia na viatura ou se haveria alguém na povoação dotado da perícia necessária para reparar um mecanismo tão antigo. Por isso, ele ia ficando ali, reduzido à sua função decorativa. O relógio pertencera ao avô de Einar, o seu marido. Contava-se que ele o trouxera da Dinamarca, para onde tinha ido formar-se em Agronomia, regressando anos depois a casa para tomar conta da quinta. Era aquilo que se esperava que ele fizesse, dizia Einar. Mais tarde, calhara a vez ao pai dele, até o testemunho passar finalmente para as mãos do próprio filho. O avô falecera há muito; e o pai também, numa morte prematura, de certa forma. Ser agricultor ali — *viver* ali — tinha os seus custos, físicos e mentais.

Ela deu-se conta do frio cortante. Era expectável naquela altura do ano, naturalmente. A casa acusava a passagem do tempo, e, quando o vento soprava de determinado quadrante, a única maneira de uma pessoa se manter aquecida em algumas divisões era envolver-se num cobertor espesso, como Erla fazia agora. Embora o cobertor mantivesse o corpo aconchegado, as mãos ficavam tão geladas quando as tirava para fora que se tornava difícil virar as páginas. Mas ela aguentava — ler dava-lhe um prazer supremo em comparação com qualquer outra atividade. Um bom livro conseguia levá-la para longe, muito longe, para um mundo diferente, outro país, outra cultura, onde o clima era mais quente e a vida mais fácil. Isso não queria dizer que ela não se sentisse grata ou satisfeita com a quinta ou a sua localização; longe disso. Afinal, aquela era a casa de família de Einar, pelo que apenas lhe restava cerrar os dentes e fazer o melhor que podia. Criada na Reiquiavique do pós-guerra, Erla jamais imaginara tornar-se a mulher de um agricultor nas montanhas da Islândia selvagem. Mas, depois, conheceu Einar, e deixou-se encantar por ele. Mais tarde, quando ambos tinham 20 e poucos anos, Anna nasceu.

Erla pensou em Anna, cuja casa estava em muito melhor estado do que a deles. Tinha sido construída há muito menos tempo, a alguma distância do sítio onde eles moravam, destinando-se a acomodar rendeiros, inicialmente. Uma das desvantagens da distância era eles não poderem dar um salto até lá quando o tempo começava a ficar assim, ou pelo menos ser bastante difícil fazê-lo. Einar costumava deixar o jipe parado durante os meses mais rigorosos do inverno, já que os pneus com pregos e as correntes deixavam de ser eficazes, mesmo com a tração às quatro rodas, quando a neve começava a cair ininterruptamente, dia após dia. Nessas condições, era mais fácil fazer o percurso a pé ou em esquis de fundo, e tanto ela como Einar eram esquiadores bastante razoáveis, felizmente. Seria bom disporem da hipótese de esquiarem com mais frequência, nem que fosse meia dúzia de vezes, e exercitar

a sua destreza. E o dinheiro também nunca abundava; a quinta dava à justa para cobrir as despesas, pelo que gastos supérfluos em divertimentos ou viagens não tinham qualquer razão de ser. Era raro falarem sobre isso. Agora, como sempre acontecera, o objetivo que os movia era manter a quinta de pé, e sem dívidas, se possível. Ela sabia que, para Einar, o que estava em jogo era a honra da família; o marido carregava sobre os ombros um fardo ancestral tremendo, com os espetros dos antepassados a exercerem a sua vigilância eterna a partir das sombras.

O avô dele, Einar Einarsson, o primeiro, observava-os na parte mais antiga da casa, onde Erla se encontrava neste momento — a estrutura de madeira original que ele construíra «com as próprias mãos, com sangue, suor e lágrimas», conforme o marido o enunciara um dia. O pai de Einar, Einar Einarsson, o segundo, presidia sobre o que Erla designava por nova ala, o prolongamento já em placa que, atualmente, abrigava os quartos e que tinha sido construído quando o seu marido, Einar Einarsson, o terceiro, era criança.

Em relação aos seus antepassados, Erla não sentia nada que se pudesse comparar àquela reverência. Era raro falar neles. Os pais, já divorciados, viviam no Sul, e ela raramente se encontrava com alguma das suas três irmãs. A distância também contribuía para isso, naturalmente, mas a verdade é que os laços entre ela e a família nunca haviam sido fortes. A seguir à separação dos pais, as irmãs tinham deixado de fazer grandes esforços para manter o contacto, e as reuniões familiares eram poucas e bastante espaçadas. Erla encarava o facto sem grande tristeza. Teria sido bom dispor da sua própria rede de apoio para quando precisasse, mas, em contrapartida, ela passara a ser um membro da família de Einar e empenhara-se em cultivar a sua relação com eles.

Erla continuava na sua cadeira. Sem se mexer. Ainda não tinha energia para se levantar. Afinal, além da cama, não havia outro lugar aonde ir, e ela queria ficar acordada um pouco mais,

desfrutando da paz e do sossego. Einar adormecera há horas. Para o marido, madrugar era uma virtude e, de qualquer modo, ele tinha de alimentar as ovelhas. Contudo, naquela altura do ano, tão perto do Natal e com o dia a atingir a sua duração mínima, Erla não tinha uma razão plausível para se forçar a sair da cama de madrugada, quando ainda estava escuro como breu. A luz iria chegar apenas por volta das 11 horas, o que ainda era uma hora bastante matutina para o mês de dezembro, a seu ver. Com a passagem dos anos, o casal aprendera a não discutir em torno de questões tão triviais como a hora de sair da cama. O facto é que as visitas que eles recebiam eram diminutas, pelo que não lhes restava outra alternativa senão entenderem-se. E a chama do amor também continuava acesa entre os dois, talvez menos viva do que nos velhos tempos, quando eles se haviam conhecido; ainda assim, o sentimento amadurecera à medida que a relação se fora aprofundando.

Erla estava arrependida de ter devorado o livro tão depressa; gostaria de o ter feito render um pouco mais. Da última vez que os dois tinham ido juntos à povoação, ela requisitara 15 romances na biblioteca, um número que ultrapassava o limite, claro, mas ela dispunha de um acordo especial, o que era perfeitamente natural dadas as circunstâncias. Do mesmo modo, era-lhe permitido manter os livros por um período mais longo do que o habitual, por vezes durante dois ou três meses, quando o tempo estava mais inclemente. Contudo, ela já tinha lido os 15, aquele era o último. Lera-os a uma velocidade inusitada, embora só Deus soubesse quando ela conseguiria voltar à biblioteca. Teria sido injusto pedir a Einar para requisitar mais livros quando ele fora de esquí à povoação alguns dias antes, já que apenas o iriam sobrecarregar. Erla sentiu-se dominada pela sensação familiar de vazio que a assaltava sempre que alguma coisa acabava sem que fosse possível substituí-la. Sentia-se desamparada. Na verdade, falar em sensação de vazio não era correto; seria mais apropriado

dizer que ela se sentia quase uma prisioneira ali — naquela região selvagem.

Fosse como fosse, qualquer alusão a claustrofobia estava proibida na quinta — essa era uma sensação que eles tinham de ignorar; caso contrário, tenderia facilmente a tornar-se algo insuportável.

Sufocante...

Sim, aquele tinha sido um livro realmente bom, o melhor dos 15. Mas não tão bom que Erla ponderasse relê-lo já de seguida. Ela já tinha lido todos os livros que eles possuíam, os que tinham comprado ou que já existiam na casa; alguns deles, vezes sem conta.

O seu olhar absorto desviou-se para o abeto colocado ao canto da sala de estar. Desta vez, Einar tinha feito algum esforço para escolher um exemplar atraente. O aroma que inundava a pequena sala era uma alusão confortável à chegada iminente do Natal. Eles costumavam envidar todos os esforços para banir a escuridão durante a época festiva, mesmo que por breves momentos, convertendo a sua solidão num isolamento acolhedor. Erla deleitou-se com a ideia de eles ficarem completamente sozinhos durante aquela época de calma e descanso, já que ninguém viajaria até àquele ponto tão remoto do interior, rodeado de neve, salvo alguém invulgarmente determinado. E, até ao momento, isso nunca acontecera.

A árvore ainda não tinha sido decorada. De acordo com a tradição familiar, isso seria feito a 23 de dezembro, o dia da festa de São Thorlákur, embora já houvesse alguns embrulhos colocados por baixo dela. Não fazia sentido tentar esconder os presentes um do outro, já que estes tinham sido comprados há bastante tempo. Afinal, eles não iam propriamente dar um salto às lojas na véspera de Natal para comprar presentes de última hora ou natas para o molho da carne.

Havia livros debaixo da árvore, Erla tinha a certeza disso, e era terrivelmente tentador abrir um dos livros antes de tempo. Einar

oferecia-lhe sempre dois romances, pelo menos, e aquilo de que ela gostava mais no Natal era de descobrir que livros eram e instalar-se na sua poltrona a seguir, com uma caixa de chocolates e a cerveja de Natal, lendo pela noite fora. Já tinham sido feitos todos os preparativos. A caixa de chocolates estava em cima da mesa de jantar, à espera de ser aberta. O refrigerante à base de laranja encontrava-se na despensa, e ninguém estava autorizado a tocar-lhe até ao início oficial das festividades, que, de acordo com a tradição islandesa, era às 18 horas do dia 24, quando os sinos dobravam a chamar para a Missa de Natal. Escusado seria dizer que eles iriam desfrutar do habitual cordeiro fumado, ou *hangikjöt*, como prato principal na noite de 24. À semelhança do ano anterior, e do ano anterior a esse; à semelhança de todos os anos...

Erla levantou-se, um pouco hirta, atingida por um calafrio assim que emergiu do seu casulo aquecido. Ao aproximar-se da janela da sala, afastou a cortina e perscrutou a escuridão. Estava a nevar. Mas já sabia isso. Ali, nevava sempre no inverno. Que outra coisa se poderia esperar na Islândia, num ponto tão interior e tão elevado em relação ao mar? Ela sorriu com alguma amargura. Aquele não era um sítio para se viver naquela altura do ano. A obstinação dos antepassados de Einar era admirável à sua maneira; contudo, naquele momento, Erla tinha a sensação de estar a ser punida pelas decisões deles. Graças a eles, ela estava aprisionada ali.

A quinta tinha de continuar a funcionar, custasse o que custasse. Ela não estava propriamente a queixar-se, nada disso. Várias quintas da vizinhança, se é que se podia chamar vizinhança a uma zona tão vasta e escassamente povoada, tinham sido votadas ao abandono na última década, o que provocava invariavelmente a mesma reação em Einar: amaldiçoar aqueles que partiam devido à sua cobardia, desistindo assim tão facilmente. De qualquer forma, se eles desistissem da quinta, do que viveriam?

Não sabiam se a terra valia alguma coisa, caso tentassem vendê-la, e as demais oportunidades de trabalho eram escassas naquela região. Erla simplesmente não conseguia imaginar Einar a querer trabalhar para outra pessoa, depois de trabalhar por conta própria a maior parte da vida.

— Erla! — Era o marido a chamá-la, do quarto, com a voz rouca. Ela tinha a certeza de que o ouvira ressonar algum tempo antes. — Porque não vens para a cama?

— Já vou — retorquiu ela, e desligou o candeeiro da sala, soprando de seguida a vela que acendera na mesa ao seu lado, para criar um ambiente aconchegante enquanto lia.

Einar tinha a luz acesa. Estava deitado do lado dele da cama, o eterno animal de hábitos: na mesinha de cabeceira, um copo de água, o despertador e um romance de Laxness. Erla conhecia-o suficientemente bem para saber que o marido achava que ter um clássico como Laxness à cabeceira favorecia a sua imagem, mesmo que, na prática, nunca lhe desse um avanço significativo ao deitar. Eles tinham em casa a maior parte da obra de Halldór Laxness — livros que a própria Erla já tinha lido e relido —, mas o verdadeiro interesse de Einar naqueles tempos centrava-se mais em revistas e jornais antigos, ou artigos sobre fenómenos paranormais. É claro que eles só tinham jornais desatualizados, alguns muito mais do que outros; naquela altura do ano, podiam passar vários meses entre cada jornal. Apesar disso, mantinham a assinatura do jornal do partido, cujas edições se iam acumulando na estação dos correios entre as suas idas até lá, e ainda de vários periódicos, como o *Reader's Digest* da Islândia.

Se, por um lado, o interesse de Einar em assuntos da atualidade era perfeitamente compreensível, por outro, ela não conseguia entender de todo por que motivo ele se sentia atraído por histórias de fantasmas ou livros de médiuns sobre o mundo espiritual, quando eles viviam num lugar inquietante como aquele.

No inverno, não havia um dia em que ela não testemunhasse alguma coisa que lhe causava arrepios. Erla não acreditava em fantasmas; contudo, o isolamento, o silêncio, a maldita escuridão, tudo se combinava para ampliar cada rangido do soalho e das paredes, o uivo do vento, a oscilação entre a luz e a sombra, a ponto de às vezes a fazer refletir sobre se acreditava em fantasmas ou não; se isso poderia tornar a vida mais suportável.

Apenas quando se sentava a ler um livro à luz da vela, imersa num mundo desconhecido, é que os fantasmas na sua mente perdiam toda a capacidade de a assustar.

Erla deitou-se e fez por encontrar uma posição confortável. Tentou pensar na manhã seguinte com expectativa, mas não era fácil. Ela queria muito sentir-se fascinada por aquele lugar, pela solidão, tal como Einar o estava, mas era-lhe impossível sentir isso; já não. Sabia que o dia seguinte não ia ser melhor, e que não seria muito diferente do dia que agora terminava. O Natal imprimia alguma novidade à rotina deles, mas era somente isso. A véspera do Ano Novo também era apenas mais um dia, embora eles desfrutassem igualmente de uma refeição especial, o cordeiro fumado, como na ceia de Natal, se bem que não soltassem fogo de artifício há largos anos. Sendo um material perigoso, o fogo de artifício apenas estava à venda durante um período limitado, pelo que não era possível encontrá-lo na ida que faziam à povoação para se abastecer antes do Natal. Regra geral, eles faziam-no em novembro, antes de caírem os piores nevões, e dificilmente se poderia justificar outra deslocação especial no pico do inverno só para comprar uns quantos foguetes e estrelinhas. Além disso, ambos consideravam que lançar fogo de artifício no meio do nada não fazia muito sentido. Pelo menos, fora isso que Einar entendera, e Erla não o contradissera, como era habitual, embora lá no fundo sentisse a falta da explosão de cor com que eles costumavam saudar o Ano Novo.

— Porque demoraste tanto tempo, querida? — inquiriu ele gentilmente.

Ao olhar para o despertador, Erla viu que não eram sequer 11 da noite, mas o tempo pouco significava naquela escuridão perpétua. Eles viviam de acordo com o próprio ritmo, indo para a cama demasiado cedo e levantando-se demasiado cedo. A sua rebeldia em surdina, que consistia em ficar acordada até mais tarde, não lhe trazia qualquer resultado.

— Estive a acabar de ler o livro — explicou-lhe. — Não tinha sono. E estava a pensar se não deveríamos telefonar à Anna para saber se está tudo bem. — Depois, respondendo à sua própria questão, acrescentou: — Mas é capaz de ser demasiado tarde para lhe telefonar agora.

— Posso apagar a luz? — perguntou ele.

— Sim, apaga — anuiu ela com relutância.

O marido tocou no interruptor e eles foram envolvidos pela escuridão. Tão implacável e, apesar disso, tão serena. Não se vislumbrou a mais ténue luz. Ela conseguia *sentir* a neve a cair lá fora; e sabia que tão depressa eles não iriam a lugar nenhum. Aquela era a vida que eles tinham construído para si. Nada mais lhe restava, senão aguentá-la.

II

Já passava muito das 10 da noite. Hulda estava parada junto à porta de casa a remexer no interior da mala à procura das chaves, praguejando por entre dentes. Não conseguia ver nada. A lâmpada por cima da porta estava fundida e o clarão das luzes da iluminação pública era demasiado fraco para lhe servir de ajuda.

Jón prometera-lhe que compraria uma lâmpada nova, mas ainda não o tinha feito, como era evidente. Eles viviam praticamente numa zona rural, junto ao mar, na península de Álfanes, longe das luzes brilhantes da cidade. Sempre considerara a região um bom sítio para viver, embora nos meses mais recentes pairasse sobre a família uma nuvem de melancolia, como se o céu por cima deles estivesse toldado.

Por fim, Hulda encontrou as chaves. Não tinha querido tocar à porta para o caso de Jón e Dimma já estarem a dormir. Até esperava chegar a casa mais tarde, já que contavam com ela para o turno da noite, mas a situação estava calma, para variar, e Snorri deixara-a sair mais cedo. Ele era bastante perspicaz, havia que o reconhecer, e talvez tivesse intuído que nem tudo corria bem em sua casa. Tanto ela como Jón, o marido, trabalhavam arduamente,

tendo horários bastante diferentes dos convencionais. Jón trabalhava por conta própria, como investidor e grossista, e, ainda que em teoria isso lhe desse algum controlo sobre o seu tempo, na verdade, ele passava largas horas fechado no seu escritório em casa, ou em reuniões na cidade. Sempre que havia uma sobrecarga de trabalho, esperava-se que Hulda fizesse horas extra, além dos serões e turnos noturnos a que estava obrigada, e ainda trabalhava num ou outro feriado. Nesse ano, por exemplo, ela ia estar de serviço no dia de Natal. Mas, com alguma sorte, não haveria nada para fazer, o que lhe permitiria regressar para junto da família a uma hora razoável.

A casa estava mergulhada em silêncio. Não havia luz na sala de estar e na cozinha, e Hulda deu logo pela falta do cheiro a cozinhados. Aparentemente, Jón não se dera novamente ao trabalho de preparar o jantar para ele e para a filha. Ele devia dar mais atenção à alimentação de Dimma; ela não podia sobreviver apenas com cereais ao pequeno-almoço e ao jantar. A falta de uma refeição decente em nada ajudava a sua disposição, e Dimma já se mostrava suficientemente difícil nos últimos tempos. A filha tinha 13 anos, e a sua entrada na adolescência parecia revelar-se problemática. Tinha-se distanciado dos amigos da escola e passava os serões em casa, sozinha, trancada no quarto.

Hulda sempre assumira que Álfanes fosse um sítio maravilhoso para criar um filho, uma boa fusão entre a cidade e o campo, razoavelmente próximo de Reiquiavique, mas com a Natureza mesmo à porta de casa, repleto de ar marítimo puro e saudável. Porém, nesse momento, ela tinha de reconhecer que a decisão de viverem ali talvez tivesse sido um erro; talvez fosse melhor mudarem-se para um ponto mais próximo do centro da cidade, proporcionando a Dimma uma vida mais social.

Hulda estava parada à entrada quando a porta do quarto de Dimma se abriu inesperadamente e Jón saiu de lá.

— Já voltaste? — admirou-se ele, correspondendo ao olhar dela com um sorriso. — Tão cedo? Estava a pensar que tinha de ficar a pé até mais tarde para te ver.

— O que estavas a fazer no quarto da Dimma, Jón? Ela está a dormir?

— Sim; profundamente. Só fui ver como estava. Pareceu-me tão indisposta esta noite que quis certificar-me de que estava tudo bem com ela.

— Ah, sim? Ela tinha febre?

— Não, nada disso. A testa não estava quente. Acho que é melhor deixá-la dormir.

Então, Jón aproximou-se de Hulda, rodeando-lhe o ombro com o braço e conduzindo-a de certa forma em direção à sala de estar.

— O que achas de tomarmos um copo de vinho, meu amor? Hoje, passei pelo *Ríki* e comprei duas garrafas de vinho tinto.

Hulda hesitou, ainda apreensiva por causa de Dimma. Sentia que alguma coisa não estava bem. No entanto, obrigou-se a pôr esse pensamento de lado. Na verdade, ela precisava de relaxar depois do dia extenuante de trabalho que tivera; o emprego já a esgotava o suficiente, sem ser preciso viver igualmente sob tensão em casa. Provavelmente, Jón estava certo e talvez ela precisasse apenas de uma bebida que a ajudasse a descomprimir antes de se deitar.

Despiu o casaco, colocando-o sobre as costas do sofá, e sentou-se. Jón foi até à cozinha, regressando de lá com uma garrafa e dois copos antigos, uma herança dos avós de Hulda. Tirou a rolha com algum esforço e serviu o vinho. Aquele era um luxo raro. Não só o imposto sobre o álcool era demasiado alto, como era difícil a qualquer um deles ir ao *Ríki*, nome pelo qual era conhecida a loja de bebidas alcoólicas estatal, durante o seu exíguo período de funcionamento.

— Vinho tinto! Isto é uma extravagância bastante inesperada. O que estamos nós a comemorar?

— O facto de o dia me ter corrido bem — disse ele. — Em princípio, consegui finalmente vender aquele prédio na rua Hverfisgata que estava a ter dificuldade em despachar. O banco tem andado atrás de mim, a ameaçar apropriar-se dele de novo. São todos uma cambada de burocratas! Não fazem a mínima ideia do que é gerir um negócio. Seja como for, saúde!

— Saúde!

— Há dias em que eu desejava verdadeiramente que vivêssemos no estrangeiro, com bancos decentes. É desesperante tentar trabalhar num meio em que tudo se resume à política, e em que os bancos são geridos por antigos políticos. Isto é de loucos. Estou no partido errado e sofro represálias devido a isso. — O marido soltou um suspiro desalentado.

Hulda ouvia-o, algo desatenta. Faltava-lhe paciência para se manter a par de todos os meandros dos intermináveis imbróglis financeiros de Jón. Os problemas que ela própria enfrentava no seu trabalho eram bastantes, mas ela cumpria escrupulosamente a regra de não os levar para casa, ao contrário do que o marido estava inclinado a fazer. Ela confiava em absoluto nas capacidades dele para conduzir as suas manobras de bastidores: Jón parecia dominar todos os truques. Num momento, ele estava a comprar um imóvel de primeira linha para, no momento seguinte, lhe comunicar que o tinha vendido com um lucro assombroso, dedicando o resto do seu tempo a expandir o seu negócio de grossista. Hulda tinha de reconhecer os méritos do marido, os quais lhes haviam garantido uma situação financeira confortável ao longo dos anos. Eles tinham aquela moradia confortável, dois carros, e ainda acesso a alguns luxos, como levar Dimma a jantar fora uma ou duas vezes por mês, regra geral à hamburgueria preferida da filha. Reiquiavique, que ficava a dez minutos de distância de carro, tinha tão poucos restaurantes que a ida a um restaurante de *fast food* se tornava uma ocasião especial. Por falar nisso, há já muito tempo que eles não desfrutavam de uma refeição em

família. Dimma parecia ter deixado de querer passar tempo com os pais e recusara várias vezes juntar-se a eles nas suas saídas, nas últimas semanas — até meses.

— Jón, porque não vamos comer fora amanhã?

— No dia da festa de São Thorlákur? Deve haver enchentes em todo o lado.

— Pensei que podíamos ir ao sítio do costume, comer hambúrgueres e batatas fritas.

— Hum... — respondeu o marido após uma breve pausa. — Vamos ver como correm as coisas. O restaurante deve estar cheio, além de o trânsito ficar caótico nas vésperas do Natal. Não te esqueças de que ainda temos de decorar a árvore.

— Ah, diabo! — exclamou ela. — Esqueci-me de a comprar hoje.

— Tinhas prometido tratar disso, Hulda. Não há uma loja de venda de árvores ao pé do teu trabalho?

— Sim, há, e eu passo por ela todos os dias.

— Nesse caso, podes ir logo lá ao início da manhã e comprar uma? Acho que vamos ter de nos conformar com uma enfezada que alguém rejeitou.

Depois de um momento de silêncio, Hulda mudou de assunto.

— Compraste alguma coisa para a Dimma? — perguntou ela. — Tínhamos falado em oferecer-lhe uma joia, não era? Eu comprei-lhe aquele livro que ela queria, e a Dimma sempre gostou de ler no Natal, de qualquer fôrma. E já sei que a minha mãe lhe fez uma camisola, por isso, ela está a salvo do Gato do Natal, pelo menos. — Hulda sublinhou com um sorriso a sua própria piada, a referência ao gato maléfico que, de acordo com a lenda, comia as crianças islandesas que não recebiam roupa nova no Natal.

— Não sei o que ela quer — afirmou Jón. — Ainda não deu nenhuma dica, mas eu vou sondá-la amanhã. — A seguir, perguntou, abafando um riso: — Tu acreditas realmente que a Dimma vai vestir uma camisola feita pela tua mãe? — Antes de a mulher

reagir, acrescentou: — Caramba, este vinho é mesmo bom, não achas? Na verdade, não foi barato.

— Sim, não é mau — concordou Hulda, embora a sua pouca experiência em relação a vinho tinto não lhe permitisse distinguir um vinho de qualidade de uma zurrapa. — Não faças troça da minha mãe, ela faz o melhor que pode. — Mesmo que ela não fosse tão próxima da sua mãe como teria desejado, havia vezes em que Hulda ficava magoada pela forma como Jón se referia a ela. Sempre fizera o possível para fortalecer os laços entre Dimma e a avó, e isso tinha corrido bem, pelo menos.

— Há séculos que a tua mãe não põe cá os pés, pois não? — referiu Jón, e Hulda notou uma crítica latente na leve nota trocista do seu tom, embora não soubesse dizer se esta se dirigia a ela ou à mãe. Talvez a ambas.

— Não, e a culpa é minha. Para ser franca, tenho andado tão ocupada que não tive tempo de a convidar a vir até cá.

Era uma meia-verdade. Na verdade, Hulda não apreciava por aí além a companhia da mãe. A relação entre as duas fora sempre algo tensa, e a mãe conseguia ser uma pessoa bastante opressiva, sem respeitar verdadeiramente o espaço da filha. Além disso, não é que elas conversassem propriamente sobre alguma coisa de interessante.

Hulda passara os dois primeiros anos da sua vida numa instituição de menores, e sempre desejara que a sua mãe lhe falasse do passado e da razão pela qual a levara para lá. Ela desconfiava que os avós seriam os principais culpados, havendo, no entanto, algo que a levava a perdoá-los mais facilmente do que à própria mãe. Embora ela fosse claramente demasiado nova para ter alguma memória do tempo passado na instituição, a partir do momento em que o avô a pusera ao corrente da história, esta nunca deixara de a atormentar. Talvez isso explicasse a sua incapacidade para estreitar laços com a mãe: era difícil suportar a sensação de ter sido abandonada, de não ter sido amada.

Deu mais um gole no vinho caro de Jón. Pelo menos agora era amada. Tinha um casamento feliz com Jón, e uma filha encantadora. Esperava sinceramente que Dimma pusesse de parte o seu mau humor durante o Natal.

Nesse preciso momento, chegou-lhe um ruído vindo da entrada.

— Ela está acordada? — inquiriu Hulda, fazendo menção de se levantar.

— Deixa-te estar, meu amor — disse Jón, colocando-lhe a mão na coxa.

Hulda sentiu que ele a agarrava com demasiada força, mas não reagiu.

Em seguida, ouviu-se uma porta a fechar-se e a ser trancada.

— A Dimma foi só à casa de banho. Tem calma, querida. Nós temos de lhe dar algum espaço. Ela está a crescer muito depressa.

Ele tinha razão, claro. A adolescência trazia grandes transformações, e era certo que as crianças lidavam com elas de maneira diferente. Aquela fase ia passar, e talvez Hulda tivesse simplesmente de recuar um pouco. O seu papel de mãe levava-a a ser arrastada por emoções intensas, mas ela sabia que, por vezes, o melhor a fazer era relaxar.

Os dois ficaram ali sentados durante algum tempo, num silêncio amigável, algo que fora sempre natural entre eles. Jón deitou mais vinho no copo de Hulda, embora ela ainda não o tivesse bebido todo, e a mulher agradeceu-lhe.

— Não devíamos arranjar lombo de porco fumado para comer na véspera de Natal, como de costume? — inquiriu Jón. Era óbvio que ele ainda não tinha descoberto o lombo de porco, guardado em segurança na prateleira inferior do frigorífico.

— Vocês não jantaram? — retorquiu Hulda em resposta. — E, sim, já temos o lombo de porco fumado.

— Não houve tempo. Eu comprei uma sanduíche a caminho de casa e a Dimma costuma desenrascar-se sozinha. Há sempre *skyr* ou outra coisa qualquer no frigorífico, não é?

Hulda assentiu.

— Muito trabalho hoje? — perguntou ele cordialmente, mudando de assunto.

— Sim, sem dúvida. Estamos sempre a tentar conciliar uma quantidade excessiva de casos. A equipa é demasiado pequena.

— Ah, vá lá, nós vivemos num dos países mais pacíficos do mundo.

Ela limitou-se a sorrir, tentando que a conversa ficasse por ali. Alguns dos casos que lhe passavam pelas mãos eram profundamente chocantes, e não era seu desejo debatê-los com Jón. E havia ainda aquele incidente que Hulda não conseguia esquecer, embora já tivesse ocorrido no outono: uma jovem que tinha desaparecido em Selfoss. Um caso estranho. Talvez valesse a pena dar uma nova olhadela ao processo no dia seguinte.

Ouviu-se outro ruído vindo da entrada, e Hulda levantou-se instantaneamente, sem ligar aos protestos de Jón.

Ao chegar ao vestíbulo, viu Dimma junto à porta do seu quarto, preparando-se para entrar. A rapariga parou, fitando a mãe com o rosto tão vazio como se estivesse num mundo só seu.

— Dimma, minha querida, estás acordada... Está tudo bem? — indagou Hulda, sentindo uma nota de desespero a transparecer-lhe da voz, apesar de o tentar evitar.

Ela deu um salto ao sentir Jón a estreitá-la nos ombros com firmeza. E então Dimma lançou-lhes um olhar silencioso, desaparecendo de seguida no interior do quarto.

«A Névoa confirma a trilogia magistral de Ragnar Jónasson como um marco na ficção policial moderna.»

The Times

Einar e Erla Einarsson vivem numa quinta isolada no leste da Islândia. É véspera de Natal e cai uma tempestade de neve tão violenta que deveria impedir qualquer pessoa de chegar à quinta, mas não é isso que acontece. Alguém lhes bate à porta. Um homem que se apresenta como Leó afirma ter-se perdido dos seus colegas de caça e pede-lhes auxílio.

O casal oferece abrigo a Leó durante uma noite, mas Erla começa imediatamente a duvidar da história que o homem lhes contou. Estará ele a mentir? Quais serão os seus planos? Poderá ser um assassino? A verdade é que nem todos irão sobreviver àquela noite.

Dois meses depois, a inspetora Hulda Hermannsdóttir é destacada para investigar o crime ocorrido naquela quinta. Hulda está de regresso ao trabalho após um período de licença devido a um grave problema pessoal e, apesar de não saber se estará pronta para a missão, aceita-a. Mas o que Hulda não sabe é que aquele lugar inóspito e o que lá aconteceu irão assombrá-la para sempre.

«Uma obra excepcional na qual a tensão aumenta gradualmente. Perfeito para fãs exigentes de policiais *noir*.»

Publishers Weekly

CONHEÇA OS OUTROS LIVROS DO AUTOR:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-655-5



9 789895 646555

Policial